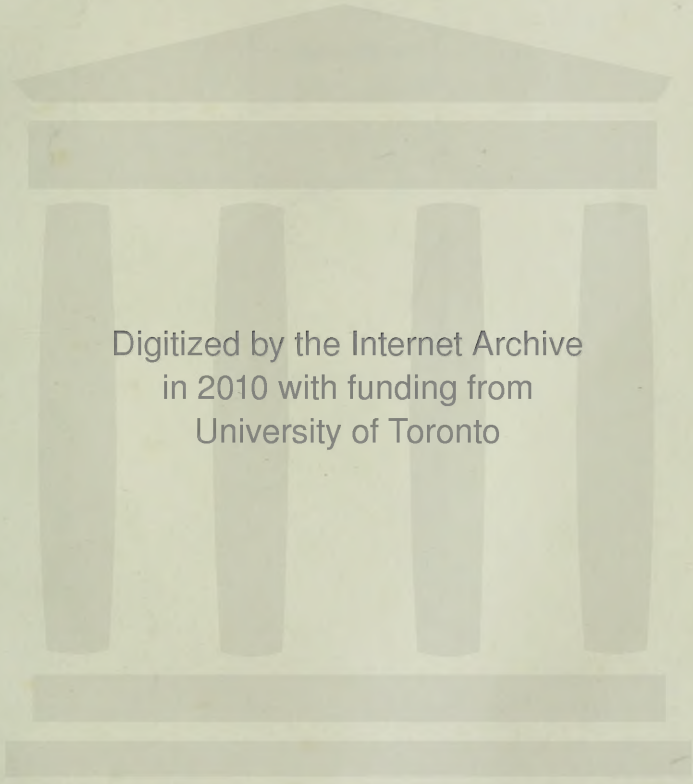
3 1761 07045019 2

CAMILO

CEGO

PQ
9261
C3
Z6463


Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/camilocegoevoca00gami

CAMILO CEGO

Evocação romântica de
um grande Romântico

POR

ANTONIO MANUEL GAMITO

CAMILO CEGO

Composto e impresso na Tip. da
Livraria Ferin — 70, R. Nova
do Almada, 74 — Lisboa.

2.172

A. MANUEL GAMITO

CAMILO CEGO

Evocação romântica de um grande Romântico

Conferencia realisada na Comemoração Camiliana promovida na noite de 16 de Março de 1918, no Salão Nobre da Faculdade de Letras, pela Associação Academica da mesma Faculdade

IN-A

EDIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

LISBOA
TIP. DA LIVRARIA FERIN
70, Rua Nova do Almada, 74
1918

PQ
9261
C3 L6463

Tiraram-se cinco exemplares desta Conferencia
em papel Whatman,
que serão numerados e rubricados pelo Autor

LIBRARY
FEB 28 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

A' honrada memoria de meu Pai

CAMILO CEGO

Eu choro sem remédio a luz perdida...
Bem mais feliz és tu, que vês o sol.

CAMILO — *Nas Trevas.*

I — A perseguição feroz do Destino

SR. DIRECTOR(*):
SRS. LENTES:
COLEGAS E AMIGOS:
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Estou a ver-lhe a face melancólica e macerada, os olhos inteligentes, a testa ampla, o sorriso impercétivel que franze um pouco os seus lábios. Está ali a mais vigorosa organisação literária dos ultimos tempos, o mais distinto e vernáculo dos prosadores, o homem que sabe descrever todas as comoções, todos os sentimentos, todas as agonías.

Quereis uma lágrima? — pedi-lha; um sorriso? — dar-vo-lo ha; mas, por piedade, ride bai-

---

(*) O da Faculdade de Letras de Lisboa, ex.mo Sr. Dr. Queiroz Velozo.

xinho, que por detraz daquele riso ha uma tragedia muda que se deve respeitar. Zombais dêle? Tendes a vanglória de pretender contradizê-lo? Errou? Quereis justamente criticar-lhe os erros? Tende cautela. O polemista é violento e o braço é de ferro.

A crítica deve ser urbana e polida... De acôrdo. Mas Camilo não é um homem vulgar. O infortunio e o génio elevam-no muito acima da craveira geral. Ha réplicas brutais da sua parte; a sua pêna contunde e fere...

E' verdade. Mas respeitai-lhe a dôr e respeitai-lhe a obra.

Quereis amá-lo? Merece-o. E' feio; os sinais da varíola sulcam-lhe desagradavelmente o rôsto; ha maceração no seu olhar, vestigios de arrebatamentos, de desânimos, de grandes máguas. Não importa! E' belo, superiormente belo, no seu talento, na sua grande alma, na sua vida de desditas. E' certo. Mas cuidado. As paixões desse homem são fatais. Onde chega o seu amôr, é como se passasse um vento de destruição e de morte. Quem se aproxima d'êle sorrindo, levando nos olhos a alegria de um amor cheio de esperanças, volta chorando, trazendo impresso no rosto o gravame pesado da sua agonía pavorosa.

Ha destinos que não se compreendem e almas que parecem ter nascido só para sofrer. Camilo

é uma delas. Desde que nasce até que morre, é um joguete nas mãos da Desgraça.

E sabem V. Ex.as o que é a Desgraça?

Desgraça é ter a alma alanceada de dôres, o espírito superior, ingente e luminoso, e viver incompreendido, injuriado por miseraveis que nada valem e sabem apenas amesquinhar os méritos doutrem.

Desgraça é ter mulher e filhos por cujo sustento e educação se tem de olhar, lançando para isso mão de um trabalho exaustivo, e, quando o cansaço e a doença chegam, ter a força d'ânimo necessaria para sacrificar a ultima força e o derradeiro alento nessa luta titanica pela vida.

Desgraça é olhar de frente a luz, ver a face ideal da humanidade e cair depois das regiões azuladas da fantasia na triste realidade da vida.

Sabem V. Ex.as o que é ser-se desgraçado? Ser-se desgraçado é passar a vida a combater, a debater-se na incerteza dolorosa dum ideal que jamais se atinge, facil joguete nas mãos do Destino que tão depressa eleva o homem ás proporções estranhas do gigante, como o esfrangalha na miseria do farrapo.

Ser-se desgraçado é ter um dia sobre os ombros o gravame da velhice pobre, sentir fugir dos olhos a luz que ilumina e alegra a vida e ajuda a ganhar o pão com que se sustenta o lar.

Ser-se desgraçado, emfim e sobretudo, é não

ter mãe, não lhe ter conhecido os carinhos nem os afagos, a doçura dos seus sorrisos, a suavidade das suas lágrimas e, principalmente, ter sido privado da acção benéfica que a educação dirigida por ela exerce em toda a nossa vida.

Se tudo isto constitue a desgraça, Camilo foi um grande desgraçado! Orfam de mãe, privado desde tenra idade da protecção paterna, producto de um complexo fatal de degenerescencias patológicas, irritavel e insatisfeito, o futuro Escritor por aí vem aos baldões, pela vida afóra. Jamais se encontrará nêle um proposito firme, uma linha inalteravel de procedimento. Ha de volitar sempre como a borboleta ao redor da châma que por fim vem a queimá-la! ...

Será guerrilheiro, será ateu, estudará para padre, incensará a Mulher, ridicularisa-la-ha com os seus sarcasmos, fulminará por vezes o suicidio e irá acabar por suas proprias mãos em uma tarde de desalento e desesperança.

Para mim, o maior romance de Camilo é o da sua vida.

Romance extraordinario, sempre triste, sempre pungente, quer no travor amarissimo das suas horas de dor, quer na composição visivelmente endolorida dos seus sorrisos de ironia.

Romance singular, em que o protagonista nos aparece como tipo curiosissimo de estudo, desde o psicológico até ao nosográfico; como

um génio a quem Deus bafejou com o halo do talento e ao mesmo tempo envolveu nas faixas misteriosas da amargura.

Camilo surge ante meus olhos como um cego, a quem a desdita cingiu sempre de trevas e de impeços, obstando a que alma do martir tivesse um dia — um só que fosse! — a alegria dum sorriso franco e não a frialdade dessas gargalhadas que êle fez retinir até á morte; e, impediu que o espirito do escritor manifestasse uma vontade forte e uma linha de continuidade psíquica e moral que desse á sua obra a homogeneidade de ideias, de pensamentos, de fins, e não a contradição constante que nela ha, a sua subjectivação extrema, embora as graças da sua linguagem tersa, pura, scintilem a todo o momento, apagando, fazendo esquecer as incoerencias do todo.

Cego perpétuo, cego irremediavel, no amor e no ódio, na paz e na luta e até por fim fisicamente cego, para que a tragedia tivesse o epilogo doloroso da inutilidade do homem que, paralisada a pêna infatigavel, passava os dias tenebrosos apalpando sinistramente as sombras em busca da cabeça adorada dum filho louco...

Onde as trevas jamais chegaram, foi á pujança do seu talento. Camilo foi sempre o escritor inconfundivel, o ironista temido, o filósofo ameno e profundo.

II — Cego de amor

A época de Camilo é uma era de anarquia intelectual, em que uma sensibilidade exageradissima perverte o bom senso e leva os rapazes de talento a singularidades que, em todo o caso, afirmo serem muito menos absurdas que as dos pitorescos decadentistas de hôje, que ninguem entende, nem sabe o que querem.

A mocidade talentosa dêsse tempo vê diante de si um periodo novo, em que o amor aparece como uma abnegação heroica, toda feita de sacrificios e de tragedias. Por esse tempo, o Porto era a cidade essencialmente burguesa das tripas e dos carroções monumentais, de que nos falam o próprio Camilo, Julio Cezar Machado e o brilhante escritor falecido ha pouco — Ramalho Ortigão.

Do ram-ram da vida comercial, com as únicas intermitencias dos Domingos em que se lavavam os pés, se ia á missa dos Congregados e á noite á Opera ou á Assembleia, só destoavam os moços valentes e românticos, Saint-Preux atrevidos, que saiam á rua a trazer o pavor ás enxundias dos rotundos comerciantes que os temiam e odiavam, com mêdo da troça e dos assaltos ao coração das filhas que êles guardavam de ha muito para o primeiro caixeiro da

casa, um latagão que viera da Beira, imberbe e sujo, com tamancos ferrados e jaqueta de briche.

Encanta evocar a galantaria cavalheiresca ainda que mórbida, dêsses rapazes dos tempos de Camilo, todos tão nobres, tão cheios de ideias e de fé, que faziam do amor uma religião a cujos dictames obedeciam cegamente, como aqueloutros trovadores medievais que a minha palavra sem brilho evocou ha pouco, aí algures. Todos tão altivos, tão artistas, tão diferentes desta mocidade de hoje, frequentadora apenas da revista barata e licenciosa e das sessões de animatógrafo, onde se namora por sessões e se estraga a vista! ... Tantos, desde Jorge Artur que se precipita no Douro, levando junto ao seio um boné de sêda bordado pela mulher que o esquecera, até D. João de Azevedo, doido sublime, que entra na vida pela mão esquerda da sorte e cai fulminado por um daquêles sorrisos com que costumava encarar o infortunio.

José Augusto de Magalhães, supremo desgraçado, que se amarra a si e á esposa á expressão mais cruel duma tortura sem nome, só porque ela, depois de se amarem, escrevera a alguem dizendo não ter encontrado ainda «um coração que a compreendesse»,

E Evaristo Basto, o folhetinista gracioso, falecido na exuberancia do talento; Faustino Xa-

vier de Novais, uma das raras organisações de poeta satírico de Portugal, e que foi morrer ao Brasil quando procurava a fortuna que sempre lhe fugiu; Vieira de Castro, um dos poucos oradores de raça da nossa terra, e que uma tragedia conjugal infelicitou para o resto dos seus dias tristes.

E sobre todos êles, elevando-se p'lo seu talento e p'lo seu vigor, o defensor simpático da Belloni, o trocista incomparavel do duelo da Torre da Marca, o amante apaixonado e singular de Luiza, «a flor dentre as fragas», e da Maria do Adro.

Estes dois nomes desataviados e simples encerram a historia do amor platónico e subjectivo de Camilo. Luiza — a flor dentre as fragas — era uma pegureira ingénua e atraente, nos seus grandes olhos castanhos, na alvura senhoril da sua pele e nos ares melancólicos que a faziam distinguir de entre as demais da sua condição.

O espírito superior de Camilo sentiu-se atraído para essa criatura, e o amor, um amor sereno, singelo, casto como o objecto amado, surge mansamente. Ha um sabôr muito leve nêsses colóquios junto da fonte, nessa adoração em que o futuro escritor a ouve nas suas canções, nas suas palavras, no suspirar merencório do seu peito purissimo. E este amôr, que nascera na vaporisação de um sonho, na nebulosidade de um sonho se extinguiu e morreu...

Leve aventura é esta, decerto. Todavia, hôje p'lo menos, não é facto vulgar. Os amôres subtis e desinteressados passaram ha muito, e o interesse envenenou as consciências e os corações de tal modo, que o traiçoeiro e alígero Cupido pouco consegue, quando não faz acompanhar a séta que os deuses temiam, com uns maços de notas bancárias, outra especie, diga-se em abono da verdade, hoje muito em descrédito.

O casamento de Camilo aos 16 anos é mera infantilidade de que não quero falar. Não direi o mesmo daquela paixão por Maria do Adro, a que o espirito romântico de Camilo havia de pôr um fim macabro.

Maria do Adro era tambêm uma camponeza gentil, alegre como a agua cantante dum açude, sadia e forte como serrana nada e criada ao sol e ao ar. A doença, porém, feriu-a um dia e da moçoila córada, roliça, jovial, ficou um ente melancólico, triste, empalidecido para sempre na côr outrora rosada da sua pele e no vermelho rútilo da sua alegria invejavel. Nas espadeladas de linho, a sua voz não mais se levantou, nem ninguem a viu mais dançar. E' então que Camilo a conhece. A tristeza dela casa-se bem com o luto eterno da sua alma.

A melancolia dos seus olhos fere fundo o coração do futuro romancista que contava então 17 ânos!

Nas mulheres, a mágua dorida do olhar encanta-as, subtilisa-as mais do que os risos ledos, comunicativos. Os espiritos superiores deixam-se antes prender e enredar por êsses olhares de melancolia infinita, do que pelo ardor duns olhos que cantam e gritam paixões violentas que morrem cêdo, calcinando corações.

Camilo era um espirito superior. E aos 17 anos, quantas fantasias não povoariam o seu cérebro fecundo, romântico entre os mais românticos!

Camilo amou-a como já amara Luiza — «a flor de entre as fragas» E' o mesmo amor subtil, o mesmo devanear, juntos um do outro, por êsses atalhos fóra, á hora suavissima do sol-pôr, os mesmos coloquios junto das fontes, á ourela dos outeiros. Ofereciam-se mutuamente ramos de flores silvestres e aos domingos, Camilo ajudava a quatro e cinco missas, se ela permanecia esse tempo na igreja!

O idílio foi interrompido pela saída súbita de Camilo para o Porto, onde foi continuar os seus estudos. Para lá partiu. A camponeza não sabia escrever nem ler. Nunca mais trocaram as suas impressões. Facil era e para o espirito versátil de Camilo muito mais, no torvelinho da boémia e dos amores faceis, o esquecimento dos juramentos feitos áquela pobre Maria do Adro, cuja figura ternissima se esbate insensivelmente

até desaparecer de todo. Pobre rapariga! quantas vezes o seu èspirito rude não presentiria a verdade eterna da finalidade de tudo o que é deste mundo! Ai de nós!... Tudo, tudo acaba! Nada ha de perenemente bom nesta vida e muito menos no amôr!...

Passou-se o ano, e quando Camilo voltou á Samardan, Maria do Adro repousava ha um mez sob uma lágea da capela da aldeia.

Morrera tísica, ali, no alto da montanha, onde o ar é tão puro e as saúdes tão de ferro, na consumpção lenta e endolorida que lhe foi roubando a vida do corpo, que a do coração morrera naquela hora triste em que a Fatalidade lhe apresentou a agonia dum amôr moribundo, o desvanecer dum amôr fanado.

Quem deu á noticia a Camilo foram duas raparigas da serra. Camilo perturbou-se tão visivelmente, que uma delas exclamou para a outra:

— Eu não te disse que êle era muito amigo dela?! (*)

Agonia ingente foi essa, precursora de outras mais tremendas que a vida lhe traria. O arrependimento do abandono a que votara a falecida, golpeou logo o coração de Camilo, e era então o vê-lo continuamente a espreitar pela

(*) Camilo — *Duas Horas de Leitura*, 4.ª ed., P. 66.

porta da igreja, o local onde a pobre pegureira fôra sepultada, e arrancar-se dali para divagar pelo arvoredo, pela serra, suspirando por ela.

Quanta loucura ha nisto, quanta infantilidade, mas tambêm, que provas tão claras da alma superior do homem que tantas lagrimas chorou e tantas havia fatalmente de fazer correr!

Todavia, o arrebatamento que a dôr lhe causara, levá-lo hia ainda a outro desfecho que não apenas o das lágrimas saudosas da sua amiga. Só um romântico ajudaria quem quer que fôsse, a desenterrar a mulher outrora amada, a Maria do Adro. A scena é soberba e singular. Seja Camilo quem a descreva com o colorido inatingivel da sua pêna: (*)

«Lembra-me que fuzilavam os relampagos d'uma trovoada de Agosto quando entramos na egreja, pela porta da sacristia. Já lá tinhamos uma alavanca e uma enxada.

«Entrei na egreja, alumiada a espaços pelo lampejo azul dos trovões, com religioso terror. Ajoelhei machinalmente, e senti os sustos d'um sacrilego.

«Meu cunhado deu-me animo com riso desdenhoso. Abalamos a pedra tumular com o ferro de monte. Sustentamol-a no pendor com o peito. Revezamo-nos a cavar, até encontrarmos as taboas lateraes do esquife. Não consenti d'ahi em diante o uso da enxada Tirei a terra ás mãos-cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as fórmas de um corpo mole. Eu tinha a ca-

(*) Camilo — Ob. cit., Pag. 68.

beça em lume: as pulsacões do coração eram tão fortes que me agoniavam: não senti cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vertebras, e pedaços de habitos mortuarios, comtudo angustiava-me uma sensação de nausea, mas toda moral, sensação que nunca mais experimentei.

Meu cunhado, vendo-me descórar, ofereceu-me um vidro de espirito, que eu não aceitei. Prosegui na exhumação, até encontrar as pontas do lenço que cobriam a face do cadaver. Segurei as quatro pontas nas mãos trémulas; tirei de vagar o panno, e vi Maria.

«Permaneci quieto, não sei que tempo, com os joelhos enterrados, e a face pendida sobre a face da morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma n'estes lances creio que se aniquila. Ha dores com que o homem não póde, e Deus quando as dá assim, permitte a lethargia, a morte passageira, a paralysia dos orgãos conductores da impressão.

«Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de medico, e affectou um ar de extranheza que eu antes quizera não fosse fingida.

*

* *

«O resto do trabalho fêl-o elle. Eu sentei-me na cadeira parochial, procurando as minhas ideias, que me fugiam em turbilhões. Como privado d'alma, o estrondo exterior azoava-me os ouvidos: era o embate da saraiva nas vidraças da egreja, e o ranger das arvores que açoitavam as cornijas. Eu estava como tranzido de medo. Era no estio, e sentia uma especie de serpente glacial cingir-me das costas para o peito.

«O cadaver fôra lançado n'um cesto. Esperamos que anoitecesse, e eu tomei uma aza do cesto ajudando a transportal-o para uma mina sêcca na margem do rio.

«O dia seguinte fôra o designado para dissecarmos o cadaver. Prepararam-se escalpellos, tesouras e bistoris, durante a noite. Meu cunhado foi chamar-me de madrugada á cama, e achou-me passeando no meu quarto.

«Já a pé! — disse elle, admirado.

— Ainda me não deitei.

«Como? ! — E abriu uma janella para aclarar o quarto. Observou-me, tomou-me o pulso, e mandou-me recolher á cama. Quiz resistir á ordem; mas eu mesmo senti a necessidade de cumpril-a.

«Não sei que tempo estive doente. Quando me ergui perguntei que remedios me tinham dado, e soube que estivera oito dias com pannos ensopados em vinagre na cabeça.

«Recorda-me vagamente de ouvir dizer uma vez o padre-mestre a outros:

«Diz minha cunhada que muitas pessoas d'esta familia endoudeceram...»

Em 1845, Camilo, perdido o âno na Escola Médica do Porto, foi passar as férias a Vila Real. Meio bisonho, sonolento, aldeão, a vida lá tornar-se-hia de um tédio esmagador se não fossem os serões em casas particulares, onde se costumavam reunir algumas senhoras da terra com os parentes e outras pessoas amigas.

Camilo era visita de uma dessas casas, frequentada tambêm por Patricia Emilia, senhora de vinte anos, simpática sem ser formosa, uma destas criações que nos atraem sem que se saiba por quê. Camilo amou-a e para crescer a seus olhos, para se mostrar superior aos

outros moços que o acompanhavam, deliberou escrever uma peça de teatro. Fez o «Agostinho de Ceuta», peça de nulo valor teatral, e para que ela se representasse chegou a fazer com que se edificasse um teatro. O espectaculo realisou-se. Os olhos que mais brilhavam nessa noite, eram sem duvida os de Patricia Emilia que fugiu depois com Camilo para o Porto, inconscientemente, cegamente. Camilo era pobrissimo, o futuro antolhava-se-lhes horrivelmente negro. O pobre arrebatado pensara apenas no rasgo essencialmente romântico do rapto. A pedido da familia foram presos, pouco depois soltos e Camilo continuou a amar Patricia Emilia como uma idealidade com o «quantum satis» da materia», como êle afirma algures. Deste amor nasceu uma filha, a quem Camilo sempre protegeu e mandou educar num convento do Porto.

Deve acentuar-se que o autor do «Eusebio Macario» amou deveras Patricia Emilia. Passados muitos anos, a sua imaginação relembra-a ainda muitas vezes e acompanha essa evocação de palavras mansissimas de uma saudade infinita. Amou-a e perdeu-a. Mas como não havia êle de perdê-la, se a cegueira fatal do seu espirito o andava a atirar para os braços de outras mulheres tão cegas que, como êle, caminhavam desamparadamente para a voragem das

paixões sem futuro, imensamente desventurosas.

Não obstante, a mulher fatal de Camilo não surgira ainda. Até ali, as paixões do escritor, umas meramente platónicas, outras com o tal «quantum satis» da matéria, não eram mais que o preâmbulo da tragédia imensa da sua grande afeição por D. Anna Plácido, senhora portuense, de boa condição social, formosa e linda e que Camilo foi encontrar num baile. Falaram-se e compreenderam-se. Mas acima da idealização fantasiosa em que os Poetas e os Artistas cingiram sempre a Vida, ha a fria realidade das coisas e a superioridade inegavel e lamentavel do interesse que domina tudo. D. Anna Plácido foi sacrificada pela familia a um casamento de conveniencia com um negociante rico. O facto é pungente para a alma de Camilo. Louco, perdido, foge para Lisboa a aturdir-se numa vida superficial de devassidão e de prazeres faceis.

Por aqui anda, diambulando por cafés e casas de hóspedes, escrevendo o seu primeiro romance, o «Anátema», detestavel como romance, mas soberbo nos seus trechos de prosa admiravel. Inesperadamente, porém, foge para o Porto.

Cego, completamente cego, desconhecendo-se, ignorando a sua psicologia de torturas e de in-

certezas, pensa em vestir o coração de perpétuo luto, envolvendo-se na mortalha negra da sotaina do verdadeiro sacerdote. Volta-se para Deus o desventurado moço. A pena afeita já á ironia entrou a entoar os louvores divinos naquelas páginas mansissimas das «Horas de Paz», e a combater o racionalismo representado em Portugal na figura de alto relevo scientífico que foi Amorim Viâna.

Os seus olhos acostumados á admiração das belezas frageis e delicadas da terra, elevaram-se a ver no ceu, quando as estrelas recamavam o manto azul-escuro da noite, a grandeza magestática da divindade.

Pobre Camilo! Mal sabia que por debaixo dessa aparencia de desprezo das paixões, dessa indiferença por tudo quanto era deste mundo, repousava latente uma paixão imensa, atrozmente desgraçada e dolorida.

Soube-o depois, sentiu-o bem, quando mais tarde escreveu estas palavras:

«Contava com a graça divina para lutar e vencer, vencer-me a mim, o mais inexoravel inimigo que ainda tive. Enganei-me: as paixões sopravam rijas do lado do inferno; os vislumbres da graça deixei-os apagar no coração repleto de maus sedimentos. Volvi ás angustias antigas, ás trevas duma cegueira, em que, por vezes, umas visões, como os lampejos dos amau-

róticos, me davam rebates de saudade da luz perdida.» (*)

Na verdade, Camilo deixou a breve trecho o Seminário e voltou ao torvelinho impetuoso da vida agitada que sempre teve. Sobre êle, dominando tudo, continuava a scintilar com uma fulguração satanicamente deliciosa, o vulto lindo de Anna Plácido, já casada, e que lutava entre os deveres imperiosos do seu estado e a atracção para aquêle homem fatal, cujas palavras proferidas uma vez, num baile, tinham ficado a retinir num mixto de repique festivo e de plangente dobre a finados!

Oito anos decorreram nesta incerteza dolorosa, nesta busca e fuga paradoxais, em que só se está bem onde se não está, em que não se sabe mesmo o que se quere.

O sr. Alberto Pimentel, para mim o melhor biógrafo de Camilo, acha grande confusão e alucinação nestas palavras do romancista, escritas em 1856:

«E' pois demencia esperar melhor vida que esta? Não tive um bom dia na minha vida até hoje, nem já o terei.

Se algum prazer pode abalar a minha alma, será o galvanismo do cadaver! ...

(*) Camilo — *Divindade de Jesus e tradição apostolica*, 2.ª ed., P. 42.

O amor, só o amor! ... E' tarde. Nem eu compreenderia o amor delicado de mulher pura nem me satisfaria esta incompreensivel alma o amor da impura.»

Eu não vejo alucinação nestas palavras, mas apenas a constatação raciocinada que Camilo faz da sua psicologia torturada de indecisões, de incoerencias. Foi decerto num momento lúcido que as escreveu, e tanto assim, que mais abaixo previa o seu fim — o fim de todos os degenerados com talento e sem remédio: — «Prevejo o suicidio».

Anna Plácido, ao fim desses oito anos de luta íntima, acerba e horrivel, «fechou, como ela diz, os olhos cegos pelo fulgor esplêndido que a cercava e deixou-se ir na torrente feiticeira que adormecera os seus pezares». (*) As consequencias dessa loucura são bem conhecidas de todos. O artigo 401 do Código Penal falava claro. Os dois desventurados, passados mezes, foram encarcerados na Relação do Porto.

Na prisão, á luz coada pelas frechas da janela, á semelhança de outros infelizes de genio, Camilo fugiu á loucura que lhe traria a solidão, entregando-se decididamente ao trabalho. São desse tempo algumas das suas melhores joias

(*) D. Anna Placido — *Luz Coada por Ferros*, Lx.ª, 1863, P. 89.

literarias como o «Romance dum homem rico», essa maravilha de linguagem e de sentimento, «As Memórias do Carcere», curiosissimo livro de memórias, alguns dos «Doze Casamentos Felizes», tão lindos e sentidos, e tantas mais que aí ficaram a atestar a superioridade do talento do homem que sabia manejar a sua lingua como poucos, e exprimir o sentimento como ninguem na nossa Terra. Basta citar para o provar o «Amor de Perdição», monumento de sensibilidade que tantas lagrimas tem feito brotar, exageradamente romântico, é certo, mas superiormente belo, como todas as coisas da alma, e onde vem aquela carta tão terna e tão triste de Tereza a Simão Botelho:

«E' já o meu espirito que te fala, Simão. A tua amiga morreu. A tua pobre Theresa, á hora em que lêres esta carta, se me Deus não engana, está em descanso.

«Eu devia poupar-te a esta ultima tortura; não devia escrever-te; mas perdôa á tua esposa do céo a culpa, pela consolação que sinto em conversar comtigo a esta hora, final da noite da minha vida

«Quem te diria que eu morri, se não fosse eu mesma, Simão? D'aqui a pouco, perderás da vista este mosteiro; correrás milhares de leguas, e não acharás em parte alguma do mundo voz humana que te diga: — A infeliz espera-te n'outro mundo, e pede ao Senhor que te resgate —.

«Se te podesses illudir, meu amigo, quererias antes pensar que eu ficava com vida e com esperança de vêr-te na volta do degredo? Assim pode ser, mas, ainda agora,

n'este solene momento, me domina a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver. Parece que a mesma infelicidade tem ás vezes vaidade de mostrar que o é, até não podê-lo ser mais! Quero que digas: — Está morta, e morreu quando eu lhe tirei a ultima esperança —.

«Isto não é queixar-me, Simão; não é. Talvez que eu podesse resistir alguns dias á morte, se tu ficasses; mas, d'um modo ou d'outro, era inevitavel fechar os olhos quando se rompesse o ultimo fio, este ultimo que se está partindo, e eu mesma o oiço partir.

«Não vão estas palavras acrescentar a tua pena. Deus me livre de ajuntar um remorso injusto á tua saudade.

«Se eu podesse ainda vêr-te feliz neste mundo; se Deus permitisse á minha alma esta visão! ... *Feliz*, tu, meu pobre condemnado! ... Sem o querer, o meu amor agora te fazia injuria, julgando-te capaz de felicidade! Tu morrerás de saudade, se o clima do destêrro te não matar ainda antes de succumbires á dôr do espirito.

«A vida era bella, Simão, se a tivessemos como tu m'a pintava nas tuas cartas, que li ha pouco! Estou vendo a casinha que tu descrevias defronte de Coimbra cercada de arvores, flores e aves. A tua imaginação passeava comigo ás margens do Mondego, á hora pensativa do escurecer. Estrelava-se o céo, e a lua abrilhantava a agua. Eu respondia com a mudez do coração ao teu silencio, e, animada por teu sorriso, inclinava a face ao teu seio, como se fosse ao de minha mãe. Tudo isto li nas tuas cartas; e parece que cessa o despedaçar da agonia emquanto a alma se está recordando.

«N'outra carta, me falavas em triumphos e glorias e immortalidade do teu nome. Tambem eu ia após da tua aspiração, ou adeante d'ella, porque o maior quinhão dos teus prazeres de espirito queria eu que fosse meu. Era creança ha tres annos, Simão, e já entendia os teus anhelos de gloria, e imaginava-os realisados como obra

minha, se me tu dizias, como disseste muitas vezes, que não serias nada sem o estimulo do meu amor.

«Oh Simão, de que céo tão lindo cahimos! A' hora que te escrevo, estás tu para entrar na nau dos degredados, e eu na sepultura.

«Que importa morrer, se não podêmos jamais ter n'esta vida a nossa esperança de ha tres annos?! Poderias tu com a desesperança e com a vida, Simão? Eu não podia. Os instantes do dormir eram os escassos beneficios que Deus me concedia; a morte é mais que uma necessidade, é uma misericordia divina, uma bemaventurança para mim.

«E que farias tu da vida sem a tua companheira do martyrio? Onde irás tu aviventar o coração que a desgraça te esmagou, sem o esquecimento da imagem d'esta docil mulher, que seguiu cegamente a estrella da tua malfadada sorte?!

«Tu nunca has de amar, não, meu esposo? Terias pejo de ti mesmo, se uma vez visses passar rapidamente a minha sombra por deante dos teus olhos enxutos? Soffre, soffre ao coração da tua amiga estas derradeiras perguntas, a que tu responderás, no alto mar, quando esta carta lêres.

«Rompe a manhan. Vou ver a minha ultima aurora... a ultima dos meus dezoito annos!

«Abençoado sejas, Simão! Deus te proteja, e te livre d'uma agonia longa. Todas as minhas angustias lhe ofereço em desconto das tuas culpas. Se algumas impaciencias a justiça divina me condemna, offerece tu a Deus, meu amigo, os teus padecimentos, para que eu seja perdoada.

«Adeus! Á luz da eternidade parece-me que já te vejo, Simão!» (*)

(*) Camilo — *Amor de Perdição,* 19.ª ed, P. 220 e 55.

Após o julgamento judicial, os reus foram absolvidos. Uma das testemunhas, o dr. Joaquim José Ferreira fez um depoimento scientífico que causou sensação. Mostrou á evidencia que acima da frieza brutal da lei está a fatalidade inevitavel das taras fisiológicas a que ninguem pode fugir. Camilo era decerto um doente, com um fundo de degenerescencia hereditária de que não era evidentemente culpado.

Assim era, de facto, e é triste que ainda hoje, críticos de polpa pretendam ofuscar o valor do grande Mestre, do Maior de todos, atirando-lhe á cara as incoerencias e os tropeços morais da sua vida, como inda ha pouco fez um crítico modernissimo, que foi rebuscar o caso do rapto duma menina rica com que Camilo casou um dos filhos, rapto que ele mesmo preparou, para lançar sobre o escritor a nota de imoral e de interesseiro, quando ele era apenas um romântico, um exaltado romântico.

E' tempo de levantar mão da tragedia sentimental de Camilo. O pobre cego de amor perdera-se e perdera alguem. O tédio depressa o envolveu nas suas rôscas de ferro.

Paixões assim violentas calcinam as almas. Aqui ha ainda a acrescentar o sacrificio de um homem bom que adorava a sua mulher, e o castigo da Providência que é inevitavel como a morte. Passado pouco tempo, a desventurada

amante escrevia com a pêna ensopada nas lágrimas da desilusão:

«Sabes que dia é hôje? Vê se te recordas. Dois annos, vinte e sete de Setembro, quatro horas da manhan!... Serão os teus passos, que de manso chegam ao leito onde repousa uma mulher que poucas horas depois recebias de joelhos? Lembras-te daquêle vestido de setim verde, daquêles adornos graciosos, daquêle colo e braços de rainha, como lhe chamavas? Tempo! tudo gastas, mesmo a reminiscencia no coração do homem; só a mulher conserva puro de mancha o amor que a santificou... Porque me aborreces tu? Oh! amada por ti, desafiava o proprio Deus a tirar-me a vida, e com a certeza do teu ódio sou eu que a corto, desafiando o mundo inteiro a salvar-me». (*)

Perdidas as ilusões, a vida de Camilo resume-se na preparação do futuro dos seus dois filhos e do filho de Ana Plácido. Este último, porém, morre. Dos outros dois, Jorge e Nuno, o primeiro enlouquece e o outro denota todos os vestigios de desiquilibrio hereditário.

(*) D. Anna Placido — *Luz Coada por Ferros*, Lisboa 1863, P. 201.

III — Cego na luta

Mas não foi só no amor que a cegueira de Camilo se manifestou. Na polémica, a violência do seu braço denota o mesmo arrebatamento. Desde a sua interferencia em 1850 na questão entre Herculano e o clero português, até á celebre questão da Sebenta, quanto esforço denodado representam todas as lutas em que Camilo se encontrou sempre superior, quer pelo brilho da sua linguagem, quer pela vastidão dos seus conhecimentos, e sobretudo pela fina ironia do seu espírito subtil.

A arma de Camilo não era decerto o florete de copos rendilhados. Empunhou-o depois com brilho e galhardia Ramalho Ortigão, mas o seu nome anda quasi esquecido, e um crítico audacioso houve que se permitiu amesquinhar o glorioso autor das «Farpas» logo após a sua morte. São assim muitos dos nossos críticos e a verdade é que, em Portugal, adquire facilmente a celebridade quem disser mal de tudo e de todos, sempre com arrôjo, embora nem sempre com razão.

Camilo manejava portuguêsmente a moca, o marmeleiro nodoso que varre e esmurra os valentões nas feiras, e que êle usou para amachucar muitos valentões das letras.

Posteriormente, Fialho voltou a empunhar a mesma arma, sem tanto brilho é certo, mas talvez com mais eficácia. Donde eu concluo para mim que, no nosso paiz, quanto mais brutalmente êle fôr manejado, tantas mais probabilidades ha de se conseguir a almejada pulverisação de muitas ridiculezas e vaidades, que por aì se ostentam impunemente.

Camilo a todos venceu, excepção feita apenas a alguem e excepção bem honrosa para esta Casa, porque se trata de um homem que pertence a esta Faculdade e que é um nôme distinto entre os mais distintos: — sabem V. Ex.as que me refiro ao padre Dr. José Maria Rodrigues, um dos mais brilhantes professores do nosso meio.

A questão da Sebenta ficou célebre. O antigo professor da Universidade de Coimbra, Dr. Avelino Calixto, fizera numa lição referencias desagradaveis a um trabalho de Camilo, «O perfil do Marquês de Pombal», onde o bárbaro assassino dos Távoras, feroz absolutista e dedicado inquisidor, é severamente apreciado. Essas referências sairam na *sebenta* que foi parar ás mãos do autor da «Corja». Camilo respondeu e agrediu violentamente o lente coimbrão. Fazia salientar os seus erros, todos os seus precalços de homem de sciência, e, até a própria Universidade era posta a ridiculo. O Dr. Calixto res-

pondeu. Camilo replicou e estava a questão neste pé, quando o sr. Dr. José Maria Rodrigues, ao tempo estudante do curso teologico, surgiu na liça, acusando Camilo de erros dogmáticos e até de atentados á gramática! A questão irritou-se. Dum lado, Camilo, com a sua ironia sangrenta, respondendo pezadamente ao jóven estudante, que lhe respondia serenamente, com aquela segurança que dá a sciência e mais do que a sciência — a fé.

De súbito, quando o ardor da peleja tocava o auge e o próprio Camilo fraquejava, confessando-se vencido em parte, o audaz contraditor do Mestre calou-se. Porquê?

O sr. Dr. Antonio Cabral, no seu curioso trabalho, «Camilo de Perfil», dá as razões do facto. E' que, alem da deslealdade do editor comum dos folhetos em que a questão se debatia, que mostrava a Camilo as provas dos artigos do sr. Dr. José Maria Rodrigues antes de publicados, o autôr dos «Críticos do Cancioneiro Alegre», naquêle seu rodopiar arrebatado e impulsivo, começou a ofender as coisas sagradas da religião com as gargalhadas zombeteiras do seu espírito cáustico. O sr. Dr. José Maria Rodrigues, sacerdote dessa religião, de forma alguma podia contribuir para que esse desrespeito continuasse. A melhor forma de o evitar era pôr ponto na questão, calando-se. Foi o que fez.

A' primeira impressão, tal procedimento, dir-se hia uma confissão de derrota, mas, na verdade, era a prova da victória e duma dupla victória—a da certeza de ter vencido moralmente o vencedor de todos, e a do dever sobre a vaidade que levaria qualquer outro a combater até á completa destruição do adversário, embora ela custasse a afronta da sua crença. Camilo decerto o compreendeu, quando posteriormente afirmou a sua homenagem ao talento e á lealdade do douto professor.

As «Noites de Insomnia», a «Senhora Ratazzi» e outros muitos folhetos, repositórios da polémica e da crítica violenta de Camilo, atestam bem toda a cegueira do Escritor, quando respondia aos inimigos e muitas vezes até mesmo áquêles que nem seus inimigos eram. A mais fina beliscadura irritava o orgulho do Mestre, e, era numa alucinação nervosa, numa tensão doentia do espírito que êle respondia, umas vezes com razão, outras profundamente injusto. Seria, porém, um mau? Não. Era um violento, era um grande desgraçado. De Silva Pinto, a quem bastante combateu, acaba por ser profundamente amigo. Ao sr. Dr. Teófilo Braga, a quem atacou com veemencia, corre a abraça-lo, quando o indefesso trabalhador sentiu a morte arrebatar-lhe os dois filhos quasi ao mesmo tempo; o autôr dos «Narcóticos» leva-lhe a expressão do

seu sentimento naquela joia valiosa, tanto mais valiosa quando não é propriamente dum Poeta: — «A Maior Dôr Humana.»

Que imensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus ! sinistra hora
Em que o homem surgiu ! que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram !

As mãos que um filho amado amortalharam
Erguidas buscam Deus. A Fé implora...
E o céu que respondeu ? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois um pai que em trevas vai sonhando
E apalpa as sombras dêles onde os viu
Nascer, florir, morrer ! ... desastre infando !

Ao teu abismo, pai, não vão confortos...
E's coração que a dôr empederniu,
Sepulcro vivo de dois filhos mortos.

Eu tenho a certeza de que nenhum dos contendores que ainda vivem e a quem o Mestre concedeu a honra de terçar armas em combate, conservará para a sua memoria o menor laivo de rancor. Todos compreenderam decerto, que a violencia do polemista era o resultado fatal da sua compleição degenerada e hereditaria.

IV — A agonía de Camilo

Vão-se aproximando as horas tristes da sua última agonía. Sôb aquela nêsga do ceu de S. Miguel de Seide, vai consumar-se a tragedia da vida do grande infeliz. Rodeiam aquela casa as sombras duma catástrofe ingente. O génio está cego, fisicamente cego.

Ao lado, vagueia-lhe um filho louco que ri sinistramente ou passa os dias embrutecido masturbando-se num quarto.

Vejo o escritôr no seu grande cadeirão, a testa iluminada, o rosto contraído pela dor. Afigura-se-me um mártir e á ideia vem-me o poeta alemão Heine, no seu leito de torturas, reduzido áquêle estado que o seu biógrafo, Gautier, chama «o fenómeno duma alma vivendo sem corpo». Se o tem, é só para as dores. Ao seu amigo, o padre Sêna Freitas, diz Camilo num gemido:

«Qualquer mudança de ar, uma nuvem, um bocêjo de vento, uma pequenina convulsão nas árvores, despedaça-me os nervos. Parece que se vai fazer noite na minha alma.»

Agonisa ali o Maior de Todos, o escritôr do «Livro de Consolação», da «Brasileira de Prasins» e daquêle romancinho incompleto «Via Sacra», que é uma maravilha de linguagem e de sentimento.

Vão-se aproximando as horas tristes da sua última agonia. Palpita ali nos horrores de grandes males acumulados, o realista crítico e incomparavel do «Eusebio Macario» e da «Corja», o joalheiro daquela prosa rendilhada do «Bem e do Mal», do «Esqueleto», do «Onde Está a Felicidade» e de tantas obras primas que honram a nossa literatura tão pobre, como enobreceriam qualquer outra lá de fóra, por mais rica que fôr.

Quebrada a pêna, nada resta a esse homem! Atravessou a vida em uma luta contínua com o destino. Antes que cançasse, inutilisou-o a doença. Está cego, totalmente cego!

A medicina tenta enganá-lo, mas êle sorri ás boas esperanças da sciência.

Entrou o mez de Junho. A tarde é quente. Anda a passarada a saltitar de ramo em ramo, naquela acácia fronteira que o pobre louco do Jorge plantara, quando era pequeno, e o pipilar das avesitas faz vibrar os nervos do martir que se sente imerso em trevas. Agora, sim! Chegou a hora fatal, o momento suprêmo em que a alma afeita a viver de lágrimas se resolve a entrar nos áditos trevosos da Morte, perdida a esperança de voltar ainda a tê-las...

E eu que tanto carpi os condenados,
Os cegos, — os supremos desgraçados!
Já lágrimas não tenho para mim!

Uma detonação, um corpo que descai e o silencio gelado da morte.

Morrera Camilo. Nunca mais os prelos portuguêses lançariam aos quatro ventos aquêles romances tão lindos, meio românticos, meio realistas e sempre inteiramente portuguêses, na linguagem, nos personagens, nos sentimentos. Palpita sempre neles o mesmo espírito nacional, regional, direi melhor, daquêle jardim abençoado do Minho e daquelas solénes serranias transmontanas. Os fidalgos minhotos, as freiras gulosas e galantes, os padres, aquêles bons padres de Camilo, aquelas enamoradas tontinhas, cheias de versos e de ilusões, constituem uma galeria completa de tipos graciosos e verdadeiros, dôces uns, como Carlota Angela, e aquela Mariâna do «Amor de Perdição» e a Josefa das «Novelas»: ridículos outros, como os impagaveis brasileiros e aquêle Calixto Eloy caricatural, irresistivel.

Investigador de mérito, Camilo não era o historiador perfeito mas era-o decerto conscienciosо.

O teatro conhece-lhe algumas coisas boas. Bastaria para sua glória o «Morgado de Fafe», que viverá emquanto houver um Ferreira da Silva que o represente.

Morrera Camilo. O Porto riu-se e vingou-se dos sarcasmos do autôr dos «Brilhantes do Brasileiro», com a zombaria atirada á face do morto. Já com Almeida Garrett o Porto se vingara duma forma um pouco análoga. O Porto vinga-se assim...

E o país indiferente e frio olhou a morte do seu maior romancista com uma inconsciência que assombra.

Passaram já bastantes ânos. E até hôje, ainda não houve uma homenagem condigna á memória dêsse vulto gigantesco. A prodigalidade nacional tem dispensado o mármore ou o bronze apenas para as estatuas de generalões façanhudos que fizeram revoltas e exploraram a política. Para Camilo, para Herculano, para Garrett, nem um simples busto aí por essas praças.

Camilo visionara já a ingratidão nacional quando, escrevendo a um amigo, dizia:

«Lembre-se de mim, emquanto quatro linhas entre uma tarja lhe não levarem a notícia de que em Portugal os artistas falam em me erigir uma estátua. Conto com isso e com o esquecimento quinze dias depois».

Não se enganou o desditoso escritor e quem sabe se nos ultimos momentos, se naquelas duas horas que medearam entre o acto brutal do suicidio e a morte, não lhe vieram á ideia juntamente com um sorriso íntimo e pungente de

ironía — o ultimo! — as palavras escritas ânos antes. Do país cuja lingua enriqueceu e cuja literatura nobilitou, recebeu a irrisão duma corôa de visconde e uma pensão para o filho doido. E foi tudo.

Felizmente, a sua memoria é sagrada para muitos, e no peito de cada um de nós que o ama, tem êle um monumento erguido, feito da nossa admiração profunda e da gratidão das horas de delícia espiritual que nos tem dado.

Ha pouco tempo, fundou-se em Lisboa uma Associação para o Culto Camiliano. E' preciso que todos a auxiliem e que o monumento do grande Escritor, do infatigavel polígrafo, se levante breve. Far-se há uma edição geral, cuidada e honesta de todas as suas obras, — e êsse será ainda o seu melhor monumento, — e tirar-se há a impressão que ainda muita gente erroneamente tem, de que Camilo escreveu dezenas de romances, cujo entrecho é sempre o mesmo, com os mesmos frades e os mesmos brasileiros ricos e estúpidos. Não! A sua obra é vasta e cada um dos seus trabalhos é bem um título de glória.

Bem andou a Associação Académica da minha Faculdade em promover êste serão de homenagem ao glorioso romancista. Era aos moços que nesta Casa se educam, que cumpria realisá-lo, mantendo a nobre tradição que ela tem de

cultora das letras e defensora do patrimonio mais belo — razão de ser dum povo — que é a lingua nacional. Camilo Castelo Branco, cujo busto inaugurado hôje, irá honrar a sala da nossa Associação, ainda que não fôsse o romancista extraordinario que foi, seria sempre o estilista, o cultor vernáculo, clássico da sua lingua que êle estremeceu e tratou com uma ternura de fanático. Bastava isso para que o seu nome fosse conhecido, amado e respeitado em qualquer país civilizado.

Bem andou, pois, a Associação Académica da minha Faculdade, cumprindo este dever. Pena foi que a minha palavra pálida e débil fôsse a indicada para evocar essa figura gigantesca da nossa literatura. Qualquer outro o teria feito com brilho, mas, o que eu não concedo, é que ninguem o fizesse com mais amor.

E agora posso terminar, e saír daqui com a consciência de ter contribuido com mais uma pedra — embora tôsca — para o monumento luminoso da glorificação de Camilo, o maior romancista português, o escritor mais desgraçado que a nossa terra viu, cuja vida se resume em lágrimas e que só na morte poude encontrar o repouso almejado.

O marido de Ricardina, um dos seus mais belos personagens, perguntara á esposa, perante o leito mortuario do velho amigo Norberto:

— Quando acabaremos nós de chorar, Ricardina?

Ao que ela respondeu:

— Só não choram os que morrem!...

Disse.

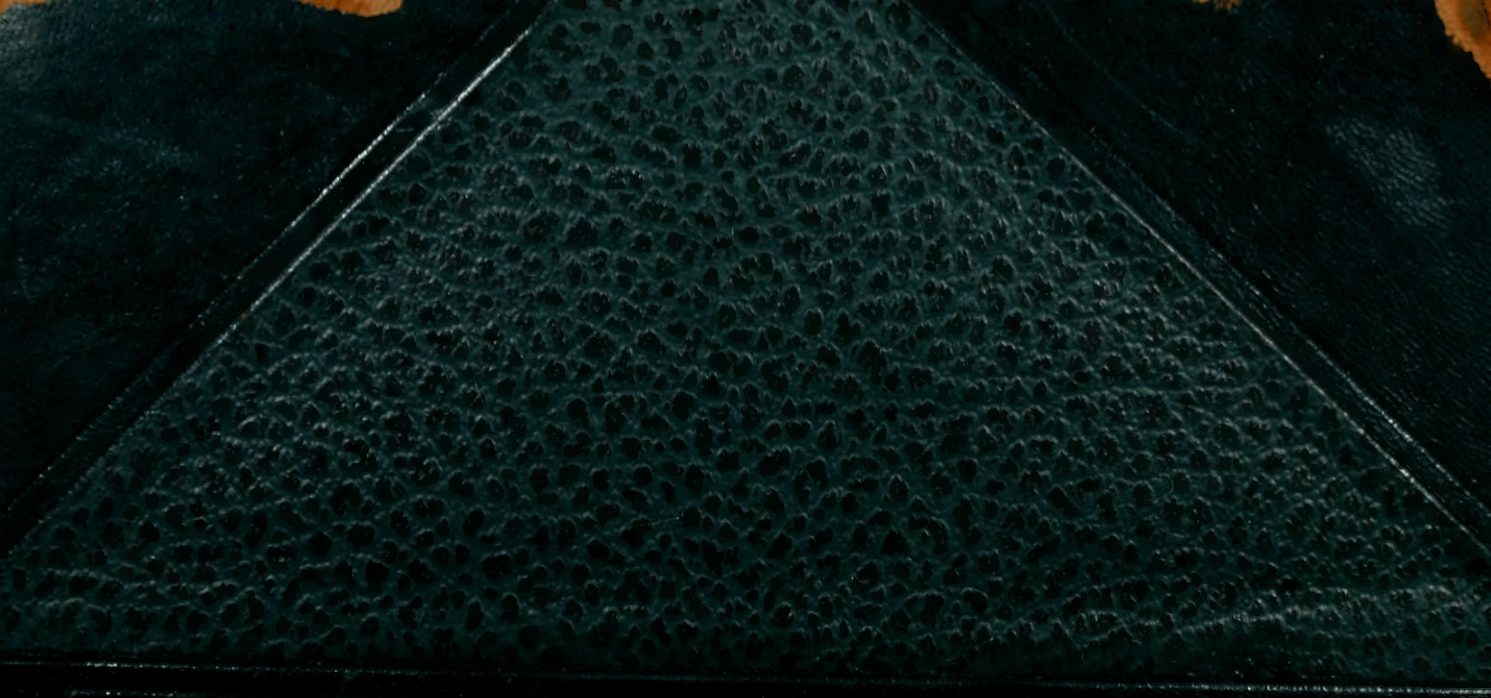
Lisboa, Fevereiro de 1918.

PQ 9261 C3Z62
Gamito, Antonio Manuel
Camilo cego

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ 9261 C3Z6463
Gamito, Antonio Manuel
Camilo cego



UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 05 16 002 2